

A luta é no básico: Práticas econômicas ordinárias entre motofretistas no estado do Rio de Janeiro¹

Ana Raquel Rosa do Couto (PPGS/UFF-RJ)

Este trabalho se propõe a destacar as práticas econômicas ordinárias entre as motofretistas cariocas, também chamadas de motogirls. A partir da vida de Rose, motogirl, diarista e artesã, e de outras motogirls, viso explicitar etnograficamente uma série de estratégias utilizadas para a marcação dos dinheiros. Estas práticas podem ser pensadas através dos conceitos de earmarking (ZELIZER 2009,2011), os dinheiros da casa como nexo prático-valorativo de conexão entre as relações na e via a casa (MOTTA 2014, 2023), e dos usos sociais do dinheiro para ganhar a vida (NEIBURG, 2022). Boletos caseiros, listas e tabelas fazem parte de um cotidiano de incertezas e instabilidades agravadas pela pandemia da COVID-19, mas vividas constantemente. Traço inicialmente um breve panorama da trajetória das experiências laborais de Rose, seu início das entregas e algumas motivações de suas escolhas. A experiência de minhas interlocutoras demonstra que o trabalho com entregas se iniciou a fim de *suprir as necessidades da casa*², a qual não pode *ficar descoberta*. Este aspecto se relaciona com a necessidade de manter a reprodução e manutenção da vida material e social. Categorias como “dinheiro das entregas”, “coisinhas dos filhos”, “contas grandes e/ou pequenas” aparecem frequentemente em seus relatos. Tais categorias convergem para a noção de *dar conta*, habilidade que recebe múltiplos significados e direcionamentos morais, e que também remete ao equilíbrio necessário para pilotar uma motocicleta.

Palavras-chave: Motofretistas, dinheiros da casa, earmarking.

Este trabalho³ tem em vista ressaltar sobretudo as moralidades e saberes constituintes da administração da renda e das despesas domésticas, através dos dinheiros. O recorte deste objeto se deve ao caráter do trabalho com entregas, marcado

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024);

² utilizo o itálico para termos nativos, e aspas para termos e categorias que merecem destaque. Eventualmente utilizo também o sublinhado para adicionar ênfase.

³ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES)-Código de Financiamento 001.

pela necessidade do “fazimento e refazimento das casas em tempos críticos” (Biehl e Neiburg, 2021) no cotidiano dessas trabalhadoras.

O início do trabalho com entregas, nas vivências das minhas interlocutoras, se iniciou para *suprir as necessidades da casa*. Seus companheiros e companheiras perderam vínculos com seus empregos regulares, por demissão ou desistência decorrente da falta de recursos para o trajeto e manutenção. Entretanto, com este novo empreendimento, surgiram novas despesas, que nem sempre são supridas exclusivamente com o dinheiro das entregas, sendo preciso recorrer ao dinheiro da casa.

Em contrapartida, a casa também não pode *ficar descoberta*, visto que esse foi o propósito inicial de começarem a trabalhar no ramo. *Ter a casa descoberta* é um risco temido por aquelas e aqueles que convivem com a incerteza como norma, que vivem a *luta no básico*, termo que será explorado mais adiante. A casa fica *descoberta* ao ter as contas essenciais (principalmente aluguel, água e luz) em débito, mantimentos básicos como arroz, feijão, farinha, ovos e leite em falta. O temor não se limita ao risco de “passar necessidade”, mas também ao aspecto moral e ético, que se relaciona à noção de honra.

Qual seria o critério para atribuir prioridade a determinadas contas em detrimento de outras? Data de vencimento? Serviços ou produtos de primeira necessidade, como aluguel e comida? A carne do almoço de domingo? O lanche dos filhos na escola?

A vida social do dinheiro como categoria socioantropológica

Mas é preciso viver

E viver não é brincadeira não

Quando o jeito é se virar

Cada um trata de si

Irmão desconhece irmão

E aí dinheiro na mão é vendaval

Dinheiro na mão é solução

E solidão”

Paulinho da Viola, Pecado Capital

O fragmento da música de Paulinho da Viola ilustra algumas das percepções populares sobre o *valor* do dinheiro e as moralidades subjacentes a esse conjunto de relações. Ele expressa, por exemplo, a crença de que é necessário exercer um certo controle financeiro diante das oportunidades na vida daqueles que têm planos e *projetos para o futuro* (Araújo Silva, 2017). Outra ideia presente, compartilhada por uma das interlocutoras, é a importância do equilíbrio na administração financeira, o que se revela difícil diante dos recursos limitados, se tornando posteriores obstáculos.

Pouco se sabe sobre a vida social do dinheiro. De acordo com Zelizer (2017), embora a tradição intelectual dos séculos XIX e início do XX o tenha considerado elemento básico da sociedade moderna, como categoria sociológica este permanece não analisado. Consequentemente, o dinheiro e seu estudo permanece em domínio da concepção utilitarista dos economistas (ZELIZER, 2017, p.4).

A autora traz o exemplo do dinheiro em latinhas ou em envelopes etiquetados. Ou ainda, das viúvas no estudo de Bakke sobre trabalhadores desempregados na década de 1930. Há também os exemplos dos residentes de Orange County na Califórnia, que tinham esconderijos em pequenas carteiras, os chamados cofres de porquinhos, trocos de lavanderias, reservas de clubes natalinos e outras contas designadas para despesas específicas, como taxas, férias ou seguros de carro/casa.

A necessidade de analisar os usos do dinheiro provém das realidades empíricas de nossos interlocutores e de suas práticas econômicas cotidianas. Como ressalta Zelizer (2017). As pessoas entendem que, apesar do anonimato das notas (se referindo especificamente às de dólar), nem todos os dinheiros são iguais ou intercambiáveis. Rotineiramente, atribuímos significados diferentes e usos distintos a determinados valores.

Tenho em vista evidenciar, etnograficamente, a multiplicidade de sentidos nativos que envolve essas separações, transformações e marcações dos dinheiros. Álvarez e Perelman (2020) reforçam o argumento de que o enfoque etnográfico possui potencialidades de desenvolver abordagens “ordinárias” da vida a partir das estratégias organizacionais nativas, para pensar sobre seus futuros com base no que consideram ganha a vida e ter uma vida digna. Na esteira de L’Estoile (2020), viso pensar as “práticas econômicas”, me afastando da noção universalista da “Economia”, com e maiúsculo e no singular, para pensar as formas de “sustentar a vida”. É também a partir

de Motta (2023) que busco as descrições das práticas econômicas por uma via processual:

A abordagem etnográfica leva a que as práticas econômicas observadas sejam uma janela a partir da qual se tornarão visíveis também práticas familiares, formas de pensar e construir espaços materiais [...]. Desloca-se assim a questão sobre “se” a moralidade, os afetos, o parentesco, por exemplo, estão envolvidos nas práticas econômicas, para o esforço em se compreender “como” se conjugam na conformação de um mundo social” (Motta, 2014, p.122 apud Araújo Silva, 2017, p.77).

Motta (2023) também identifica formas de separações da interlocutora entre “dinheiro grande”, cédulas de valores altos, que iam sendo transformadas em “dinheiro pequeno”, conforme eram gastos ou trocados. Estes dinheiros têm propósitos e locais de armazenamento distintos, revelando muito sobre a categorização e os significados atribuídos pelos interlocutores a eles. Esta estratégia também é uma medida de segurança:

As pessoas escondem notas dentro de sapatos e meias, em bolsos internos costurados à roupa, entre os seios e em cuecas e calcinhas. Como se espera que os ladrões conheçam essas estratégias, o espalhamento das notas é feito de modo que, se perda houver, ela seja a menor possível. O fracionamento em uma quantidade de cédulas deve ser suficiente para que os valores possam ser distribuídos, mas não tão grande que gere volumes que podem chamar atenção (MOTTA, 2023, p. 13).

Ou seja, as pessoas identificam, classificam, organizam, usam, segregam, fabricam, projetam, armazenam e até mesmo decoram o dinheiro à medida que lidam com suas múltiplas relações sociais (ZELIZER, 2017). A transformação que as pessoas causam relacionalmente no significado, nos usos e na finalidade mostra que a cultura e os relacionamentos causam efeitos, formas e diversidade em algo que se acredita ser um instrumento único, intercambiável e absolutamente impessoal-a própria essência de nossa civilização moderna racionalizadora. Através do dinheiro da casa, Motta argumenta na esteira zelizeriana, este se torna um “nexo prático-valorativo a partir do qual pessoas, casas, relações e dinheiros se constituem mutuamente” (MOTTA, 2023, p. 2).

Essa assunção traz a urgência de pensarmos sociologicamente o dinheiro, para além da dimensão unilateral como instrumento simbólico de troca. Nesse sentido, Zelizer (2017) chama a atenção de que a antropologia tem avançado no sentido de pensar as relações a partir e através das trocas monetárias, mas apenas concernente ao “dinheiro primitivo”. A própria obra fundadora das práticas antropológicas e

etnográficas trata de um sistema de trocas (MALINOWSKI, 2018), tendo as conchas e colares também um valor equivalente ao monetário.

Apresentando Rose

Nesta seção tratarei de Rose, motogirl que trabalha pelo aplicativo do iFood e limpa um escritório de sua cidade às terças e quintas. Casada há 20 anos e mãe de três filhos, Rose é uma das entregadoras que estão no grupo do WhatsApp “Motogirls”, e é administradora de um grupo no Facebook de mesmo nome, criado por ela mesma. Nosso contato se deu durante o trabalho de campo para a produção de minha dissertação de mestrado (COUTO, 2022).

Acorde às 7h, se não tiver nada para fazer. Se tiver, vai ter que acordar umas 5h, ou antes. Faça o café dos filhos para escola. Faça a devocional [orações e leitura da Bíblia no período da manhã]. Ligue o aplicativo. Enquanto isso, lave a louça e prepare o almoço. Dê almoço às crianças e ao marido para ir trabalhar. Lave a louça do almoço, ou peça para os meninos, se estiver corrido. Se tiver entrega, se arrume e vá para rua.

Se não tiver, assista a uma televisão enquanto faz o crochê para *aliviar a cabeça*. À noite, volte da rua com algumas compras se precisar. Se for dia de igreja, vá ao culto à noite. Se não, faça a janta, lave a louça se ninguém lavar, e já comece pensando no que fazer de almoço para o dia seguinte, para descongelar as coisas. Ai, sim, a pessoa começa a entender um pouco da minha rotina. E olha que isso é só um dia.

Rose e o marido dividem as despesas da casa. Para ela “isso é o mais justo”, uma vez que os dois trabalham e possuem alguma renda. O marido de Rose é eletricitista em um abatedouro de frango, trabalhando de segunda a sexta das 13h às 22h. Rose descreve o que ela elenca como prioridade de pagamento durante o mês: “as contas (da casa) que vão vencer”, as despesas da moto, e alimentação. Essas são as despesas principais de Rose. Ela conta que para isso ela “dá prioridade, porque é questão de honra pagar tudo certinho e honrar os compromissos”. Apenas após o pagamento destas despesas é possível “ver o que sobrou”, para dividir entre os gastos “mais supérfluos”.

Rose possui duas principais fontes de renda: as entregas com iFood, e a diária em um escritório de contabilidade, duas vezes por semana. Esta última jornada tem duração de quatro horas semanais, caracterizada como um meio-período. No entanto, a remuneração se dá conforme o dia trabalhado, e não por mês. Este tipo de remuneração é característico dos trabalhos informais denominados bicos.

O *dinheiro das diárias* é reservado e acumulado gradativamente. Nas palavras de Rose, o dinheiro “vai sendo juntado para pagar as contas que vão vencer”, ou com

datas próximas ao prazo de vencimento sem que seja necessário pagar multas ou acréscimos. Estas contas são pagas em casas lotéricas, quando Rose já está a caminho do escritório ou fazendo entregas. Quando ela está em casa ou a fila da lotérica é grande, a motogirl prefere efetuar o pagamento pelo aplicativo do banco.

Já a conta telefônica (onde está incluso o valor da internet utilizada para usar o aplicativo do iFood), combustível da moto, manutenção de pneus e freios são pagos com o *dinheiro das entregas*. Como resumido por Rose, outros gastos variáveis vão sendo pagos conforme aparecem.

Agora tenho que trocar o pneu traseiro e trocar o freio traseiro também. Troco primeiro o freio para depois trocar o pneu, porque o pneu é mais caro. Aí pago meu telefone, pago o dentista, porque tenho aparelho, manutenção do aparelho, compro algumas *coisinhas para casa*.

Rose e seu marido possuem um *vale*, um cartão destinado aos gastos com alimentos e produtos de supermercados, recarregado mensalmente pela empresa do abatedouro. No entanto, as compras são realizadas por Rose. Segundo ela, por ter o controle do que está em falta em casa, e o que se precisa comprar. É também sua responsabilidade o controle e porcionamento dos alimentos para poderem durar idealmente até o próximo pagamento.

O marido de Rose é responsável pelo pagamento das contas de água e luz, e as prestações da casa financiada pelo casal. Quando há alguma sobra de dinheiro, este geralmente é reservado para necessidades e emergências futuras. No entanto, Rose abre exceções para auxiliar os três filhos, comprando roupas, sapatos, material escolar, e o que mais houver necessidade.

Motta (2023) descreve uma relação similar entre seus interlocutores ao descrever os ajustes entre diferentes tipos de renda e despesas obrigatórias. Ademais, a dinâmica de alternância entre o casal segundo a qualidade de seus trabalhos e fontes de renda, nos quais o outro “fica liberado” para exercer atividades de ganhos não previsíveis (Motta, 2023, p. 11).

Essa dimensão de “prestação de contas morais e contábeis” (ARAÚJO SILVA, 2017, pp. 286–7) se insere na noção de certa hierarquização do dinheiro (id.), como instrumento mediador das relações entre casa e trabalho (NEIBURG, 2010, p.2).

O passo seguinte ao mapeamento das marcações dos dinheiros é a compreensão de suas hierarquias: despesas grandes, despesas pessoais, investimentos, jogar dinheiro fora, férias e aposentadorias. Por trás dessas categorias há planos para o presente e projetos para o futuro. (ARAÚJO SILVA, 2017, p. 287)

Essas atividades desembocam na noção de *ganhar a vida* (ARAÚJO SILVA, 2017, p.11) desenvolvida de maneira muito acurada pela autora no sentido de:

Aprender simultaneamente como a reorganização do mundo do trabalho e as novas formas de institucionalização das atividades e relações de trabalho afetam condições de vida, as formas de se administrar o dinheiro e os projetos futuros de famílias trabalhadoras. (ARAÚJO SILVA, 2017, p.11)

Esta composição incide principalmente no que Machado da Silva (1984^a) identificou como a construção de *estratégias de vida*, relacionados aos contextos de moradia e habitação, que podem ser pensadas aqui como produzidas entre as famílias, a partir da separação mensal de quantias, a fim de concretizar um plano futuro. A estratégia de *earmarking* (MOTTA, 2014, p. 138) diz muito sobre as formas de gestão e organização dos recursos da casa, sejam especificamente financeiros ou não. Além da separação do dinheiro para pagar as contas, outro exemplo a ser destacado é a separação de um ingrediente específico. Geralmente pratos mais elaborados, no que tange aos ingredientes, como carnes, tempo e modo de preparo são designados a refeições especiais, como *almoços de domingo*.

Dar conta, equilibrar-se é algo que remete não apenas ao “equilíbrio” das contas domésticas e o equilíbrio necessário a pilotagem do veículo; mas também ao uso e distribuição do tempo. Rose divide seu tempo entre os trabalhos e os “serviços domésticos”. Por isso, ela prefere ficar em casa esperando algum pedido, ao invés de esperar na rua, como a maioria de suas colegas fazem na cidade. Desse modo, ela pode “economizar tempo” e “se preservar de ficar exposta no tempo (vento, chuva) sem necessidade”.

Rose também prefere “fazer o horário do almoço”. Ou seja, ligar o aplicativo para entregas geralmente entre 11h e 14h e ir para casa, ao dizer que não tem muita paciência para ficar na rua durante todo o dia suportando o calor e “olhando para o meio do trânsito”. De casa, Rose decide sair ou não se o alarme do aplicativo toca. Enquanto espera, ela faz *suas coisinhas* (atividades domésticas, leituras e passatempos). No entanto, os ganhos são proporcionais ao tempo passado na rua. Rose compara uma motogirl que fica o dia inteiro na rua, ganhando uma média de R\$ 1.000 por semana, enquanto ela ganha entre R\$ 300 a R\$ 400 pelo mesmo período.

Essa preocupação em dividir as tarefas da casa com as da entrega por parte de minha interlocutora se deve ao fato dela enxergar as atividades de casa sob sua responsabilidade e parte de suas funções com relação ao marido. Motta (2014; 2016) demonstra como a casa e as relações que a constituem formam “um lócus de análise

das economias”, sobretudo no que concerne à discussão da economia do cuidado. Nesse sentido, é preciso que consideremos, por exemplo, as transições entre as posições sociais de quem “é cuidado e passa, num outro momento, a ter que cuidar” (MOTTA, 2016, p. 200).

[...] Será possível analisar as conexões entre as relações dentro [das casas] [...] — entre os que nela vivem — e entre casas, relações estas que envolvem cuidado e interdependência. A observação do cotidiano, e da circulação de coisas, substâncias e pessoas entre casas mostra um fluxo permanente que as mantém em relação. Estas conexões, porém, não são todas iguais, existindo assimetrias, obrigações e moralidades específicas. (MOTTA, 2016, p. 199)

A relação entre casa e trabalho no universo das motogirls me interessa particularmente para pensar as economias e os usos do dinheiro e os sentidos a eles atribuídos nos universos populares. Essa proposta segue na esteira do que Araujo Silva (2017) delimita como objeto sociológico (ARAUJO SILVA, 2017, p. 280): os “problemas domésticos”, que nos obrigam a observar as esferas do trabalho e da casa não de maneira dissociada e independente, mas na intersecção entre “os desafios para ganhar a vida e manter a casa” (ARAUJO SILVA, 2017, p.11). Sua tese enfoca a etnografia de problemas domésticos como “uma estratégia metodológica ao estudo da relação entre família, casa e trabalho” (id. p.273), partindo do entendimento de que “[...] nas casas, moralidade e dinheiro estão imbricados” (ibid., p 281).

Para Rose muitas oportunidades de trabalho surgem a partir da proximidade que as relações familiares proporcionam. Deste modo, ela nos conta sobre a mudança de ramo que ocorreu na vida de sua sobrinha, e como ela pôde se beneficiar disso, fazendo uma espécie de acordo com essa sobrinha, onde uma *ajuda* a outra. As atividades desempenhadas por Rose no escritório compreendem lavar a calçada onde o prédio está localizado, passar pano no chão, tirar a poeira dos móveis, durando geralmente das 8h da manhã até o meio-dia. Sua sobrinha tinha um restaurante, que precisou ser fechado pelas dificuldades para pagar os encargos na pandemia. O marido dela é assalariado, e o casal tem uma filha pequena na pré-escola.

A saída então foi produzir os pratos em casa. Ela estava então produzindo refeições para uma clínica de estética composta por muitos funcionários e clientes que consomem diariamente café da manhã e lanches vespertinos. Precisando de alguém que entregasse as refeições, ela entrou em contato com a tia, que está agora trabalhando em parceria em semanas alternadas. As funções de Rose neste trabalho compreendem: chegar à tarde na casa da sobrinha, por volta das 15h ou 16h, colocar as refeições na

bag e entregar para a clínica. Para aproveitar a viagem, Rose liga o aplicativo do iFood. Este trabalho com a sobrinha figura entre mais um dos bicos realizados por Rose.

Além destes bicos, Rose desempenhou outras atividades paralelas às entregas. Após me contar sobre seu presente, Rose começa a explicar sua *trajetória* ocupacional, o que a fez *se tornar uma motogirl* por opção, como se estivesse me explicando os *caminhos* que a levaram até o trabalho com entregas, justificando sua opção atual. Este aspecto se revela até mesmo no tempo em que Rose esteve em cada emprego: se antes ela “ia de trabalho em trabalho”, ficando no máximo até um ano, nas entregas, ela já trabalha há mais de dois anos ininterruptos.

Adicionado aos trabalhos com entregas e limpeza, Rose divide seu tempo para completar sua formação no Ensino Médio. Por não ter “a escolaridade completa” e nenhum curso profissionalizante, Rose trabalhou a maior parte de sua vida como costureira e auxiliar de produção.

Nesses serviços eles têm muita disputa, e eu não tenho muita paciência com gente esquisita não. Então eu já não ficava se eu via que o negócio ficava muito difícil para trabalhar no local eu já dava um jeito de sair. E agora graças a Deus estou *em paz*, trabalhando no meu horário. No iFood não tem patrão, não tem ninguém gritando na cabeça, nem te cobrando nada, nem te chamando a atenção, nem te mandando fazer nada, entendeu? Então para mim é ótimo.

Um terceiro componente é agregado à rotina Rose: a produção de peças em artesanato, mais especificamente crochê. A princípio, essa atividade começou como uma fonte de renda extra, e os recursos obtidos com essa atividade ela utilizava “para a casa mesmo”. Seja alguma peça de roupa que os filhos precisassem, ou para “inteirar na conta de luz”, pois ela precisa utilizar luz para confeccionar suas peças, os usos do dinheiro da casa nesta análise são elementos centrais para pensar relações econômicas de maior escala:

[...] Circuits of products and money are based on identifications between ways of earning and spending: so, for example, money from selling cosmetics is used to pay for similar products, money from rent is used to pay rent, and so on.(MOTTA,2014, p.138)

Durante nossa conversa, Rose refletiu sobre diferentes fases de sua vida, comparando os diversos momentos até o presente. Embora, segundo ela, tenha melhorado consideravelmente como pessoa e tenha aprendido a lidar e controlar muitas coisas, ela ainda não se considera uma mulher virtuosa e sente que está longe disso.

A ideia de comparar diferentes fases da vida e avaliar o próprio crescimento é recorrente nas falas de Rose. Isso está diretamente relacionado à compreensão das experiências profissionais de uma motogirl. Rose se sente mais centrada e emocionalmente equilibrada agora, e acredita que a história de uma pessoa é construída dia após dia. Ela tem um forte desejo de ajudar e contribuir para causas sociais, mesmo estando atualmente sem carro. Anteriormente, quando tinha carro, ela realizava muitas atividades de caridade, doando e auxiliando aqueles que precisavam.

A ideia de uma mulher que desempenha múltiplas funções está associada a uma noção religiosa da “mulher virtuosa”, mencionada no livro de Provérbios de Salomão, capítulo 31 da Bíblia Sagrada. Essa perspectiva é considerada uma forma de emancipação, especialmente no contexto patriarcal judaico no qual o texto foi escrito. Embora em contextos diferentes, a expressão “mulher virtuosa” é frequentemente usada como um elogio entre as mulheres evangélicas. A mulher virtuosa, nessas perspectivas, é aquela que ajuda o marido a prover recursos para o sustento da família e consegue equilibrar múltiplas atividades, incluindo as responsabilidades financeiras.

A produção de peças de crochê de Rose segue uma demanda sazonal, aumentada durante o inverno. No entanto, a confecção de toucas, cachecóis e outras peças também varia conforme o aumento dos preços dos materiais. Ela considera que seu público é “classe baixa”, então as pessoas não têm condições de pagar mais de vinte e cinco reais por uma touca, por exemplo. Vendendo por um preço muito abaixo da soma dos gastos, Rose considera que a peça é “dada”, e, portanto, não tem retorno algum.

No ano de 2020, Rose conseguiu vender bastante peças, o que não foi possível no ano de 2021 com o aumento da lã. Rose então decidiu vender as toucas remanescentes do ano anterior, e passou a produzir e estocar tapetes de crochê, para serem colocados nas entradas das casas. Ela oferece as peças para as pessoas da sua igreja e presenteia familiares que fazem aniversário.

É um crochê artesanal em casa. Uma época vende, outra época não vende. Uma época sai, outra não sai, depende muito, entendeu? Para quem oferece, as condições da pessoa... Que nem agora a pandemia arrebentou com a vida do mundo inteiro, então o povo não tem mais condições de ficar gastando, entendeu? A *luta* é no básico. A pessoa *luta* pelo básico: comida, água e luz, essas coisas.

Neste relato é possível identificar a noção de *luta* cotidiana, “no básico”. Não é possível prever com certeza o quanto se pode ganhar com a atividade de entregas no

dia; por isso, é preciso *lutar* todos os dias para ter o básico todos os dias. É possível vender muito em um dia e nada em outro, mas o sentido de luta reside nas contas que vêm todo mês. Embora os rendimentos não sejam perenes, as despesas o são. Não é um aspecto particular de Rose, dentre as outras motogirls, projetar os acontecimentos de sua vida a curto prazo.

Para se considerar empreendedora, Rose afirma que precisaria ser mais consistente na divulgação de suas peças na internet, aumentar sua produção. Por isso, ela considera o crochê mais como terapia do que fonte de renda, pelo prazer de ver algo se criar em sua mão. O que Rose produz tem outras finalidades além da comercialização, também serve como marcadores de afetos na manutenção de suas relações afetivas.

Os registros de suas falas perpassam a dimensão da comercialização, mas não apenas, também do âmbito “terapêutico” e da dádiva para reforçar e/ou criar relações, sendo importante ressaltar que essas dimensões podem coexistir em uma mesma relação. Uma das vantagens de produtos artesanais como peças de crochê, segundo Rose, é que são personalizadas e exclusivas. Mesmo que se tente fazer as peças idênticas, os pontos da trama que formam a malha da peça nunca poderão ser iguais. Isso faz com que a pessoa que recebe se sinta “especial”.

As trajetórias ocupacionais de Rose

No relato da *trajetória* de Rose, experiências de vida e de trabalho se confundem. Ela aborda os diferentes empregos que teve, suas fases de transição e os motivos pelo qual ficou “pulando de trabalho em trabalho até se encontrar” no trabalho de entregas. Para ela, estas experiências prévias serviram para que ela soubesse o que “realmente queria da vida”.

Trabalho desde a minha primeira menstruação. Lembro assim porque eu fui cuidar de uma criança e minha primeira menstruação veio. Eu mesma, *com meu dinheiro* comprei o absorvente. Então lembro muito bem dessa história, porque foi algo que vivi. Quando desceu para mim eu nem sabia o que era isso. A mulher para quem eu trabalhava explicou para mim que a partir dali eu estava sendo uma mocinha, que eu tinha que me cuidar com a forma de me vestir, onde me sentar, como me comportar. Lembro muito bem dessa história.

Sou filha de mãe separada, que teve sete filhos: seis mulheres e um homem. Era tudo muito difícil nessa época. Não tinha bolsa família, não tinha esse negócio de cesta básica, era muito raro. As coisas eram muito difíceis, então a gente foi crescendo já saindo para *trabalhar para os outros*, de babá, de doméstica, porque ninguém tinha estudo. Ela trabalhou de doméstica também, e eu fui cuidar de uma criança. A partir dali fui

trabalhando na casa de um e de outro.

Seu primeiro emprego na fase adulta foi como secretária na fábrica de sua irmã. Era uma fábrica de caldeiras que ficava distante de sua casa. Contudo, este não era o único entrave: seu cunhado também era desorganizado financeiramente, o que a fez permanecer no emprego por menos de um ano. Sua maior dificuldade era o atendimento ao público, o que também a fez desistir de continuar na carreira e fazer um curso na área. Os clientes segundo Rose, gritam muito, não tem educação.

A falta de organização que Rose identifica no cunhado está principalmente na área financeira, na parte de administração. Rose conta que muitas vezes ele marcava com os clientes e na hora não queria atender por estar fazendo quaisquer outras coisas. Por exemplo, ele fazia os pedidos com os fornecedores e depois dizia que não queria mais, os clientes ligavam e ele não queria atender. Seu principal desentendimento se deu porque ele não conseguiu cumprir o que é um valor para Rose: honrar seus compromissos e sua palavra diante das pessoas. Em suas próprias palavras, “era um rolo”.

Logo depois, Rose passou a enviar currículos para trabalhar como zeladora em um dos colégios de sua cidade. Contudo, não conseguiu permanecer no emprego por conta do baixo salário, que não conseguia pagar nem as contas. Era bem inferior ao valor ganho como secretária na fábrica. A primeira fábrica em que trabalhou, aos 19 anos era de estamparia, onde Rose ficou por 2 anos. Foi despedida por motivo de falência, mas conta ter acumulado muitos aprendizados durante este período:

Aprendi a mexer na máquina travete [responsável por colocar as travas em partes da roupa que podem se desgastar com facilidade, como as laterais e bolsos das peças], na caseadeira [máquina que coloca as “casas”, locais onde se encaixa o botão da roupa] na botoneira [máquina industrial aplicadora de botão]. Toda parte de acabamento, pregar botão, plaquinha, elástico, tudo fui aprendendo. Daí trabalhei em várias fábricas de confecção, aprendi a revisar, aprendi a tirar linha, tudo dentro desse ramo da confecção.

Neste trecho, destaquemos a recorrência do termo “aprendi a” utilizado por Rose. Ela menciona que adquiriu habilidades operando as máquinas ao observar uma das funcionárias da empresa, que também era sua colega, e posteriormente recebeu uma oportunidade para praticar. Ao ingressar na profissão de motogirl, Rose optou por

aprender por conta própria, assistindo a tutoriais em vídeo no YouTube. No entanto, ela ressalta que simplesmente assistir aos vídeos não é o suficiente. Segundo ela, as verdadeiras lições são aprendidas nas ruas, pois os vídeos fornecem apenas uma base teórica, baseada nas experiências de outras pessoas, podendo não refletir as situações de cada uma.

Iniciação e experiência de Rose nas entregas

Rose entende o trabalho de entregas como “um bico”, algo que serve para “suprir a necessidade do momento”, um trabalho pontual e provisório, embora já esteja trabalhando na profissão por um longo período. Rose dá muito valor à educação formal “para se estabilizar na vida”, por não conseguir “completar os estudos”. É isso o que mais valoriza e espera para o futuro de seus filhos.

Os três filhos de Rose tinham entre 17 e 20 anos em 2021. Quando o mais novo deles estava perto de completar 18 anos, Rose *arrumou um emprego* para ele. Certo dia, ela estava recolhendo entregas em um restaurante para o iFood, e viu que havia uma chamada para contratações de entregadores de bicicleta. Conversando com a responsável pelo estabelecimento, ela contratou seu filho. Contudo, este não é o tipo de trabalho que Rose almeja para os filhos, uma vez que eles ainda não terminaram os estudos. Este é apenas um bico para que eles tenham o *próprio dinheiro*, para comprar as coisas de que gostam.

Rose conta, então, como começou a trabalhar com entregas. Dado dia, Rose estava indo ao centro da cidade fazer compras em uma loja, e viu uma moça usando uma bag. Ela então perguntou a esta moça se o iFood aceitava mulheres, e ela respondeu afirmativamente. Este foi o “pontapé” para fazer o cadastro no aplicativo.

Com a chegada da pandemia, “foi um tormento”. A cidade ficou fechada por 15 dias por completo, e a demanda por entregas alcançou um crescimento inédito. Os únicos estabelecimentos que estavam abertos eram farmácias, hospitais, mercados e postos de gasolina. O iFood liberou os cadastros pré-aprovados, uma vez que é preciso ter seu cadastro regularizado, com informações bancárias, antecedentes criminais, uma ficha completa. Rose só estava esperando a liberação, pois seu cadastro já estava aprovado.

Rose enfrentou dificuldades com a comunicação com a empresa, pois não havia

nenhum posto físico, tudo era feito pelo aplicativo. Ela decidiu então ver vídeos no YouTube sobre como “os caras trabalham”, como é o atendimento ao cliente e o passo a passo das entregas. Ao tocar o perfil do restaurante para o entregador é preciso ir ao restaurante pegar o endereço do cliente. O estabelecimento te dá o pedido, e o aplicativo gera um código numérico de segurança. Esse número é a confirmação para o pedido poder ser levado do ponto de coleta. No aplicativo é possível ver o endereço do cliente e abrir a rota de entrega no mapa, através do GPS (do inglês Global Positioning System, ou Sistema de Posicionamento Global).

Ao chegar no destino, é preciso sinalizar ao aplicativo que se chegou ao local, para ser provido o nome do cliente, número do apartamento. Assim que o aplicativo abrir as informações, já é possível tocar a campainha e esperar o cliente descer, se for o caso de apartamento. O cliente também precisa estar com um código de confirmação em mãos para que se possa finalizar a corrida no aplicativo. Essas informações também foram adquiridas através das amigadas que Rose fazia *nas ruas*.

Então foi assim minha *trajetória*. Se eu tivesse continuado no ramo de secretária, na recepção, eu não estaria bem. Eu descobri uma coisa depois que comecei a trabalhar no iFood: que odeio ficar presa em um lugar desde cedo até a noite. Eu já sabia disso antes, não via a hora de sair para bater o cartão. Aquilo me estressava de um jeito, ficar presa no local de serviço até de tarde, era de lascar. Eu me descobri que eu me dou muito melhor nas entregas, eu me descobri, entendeu?

Rose não pensa em se aposentar, por ter pouco tempo de INSS (benefício do Instituto Nacional do Seguro Social), um período de 5 anos. Ela não tem interesse de pagar “por fora”, uma previdência privada. Rose planeja trabalhar “até quando conseguir”. Para Rose, essa não é uma preocupação. O futuro para ela não é uma preocupação, porque “está tudo nas mãos de Deus e está sempre fazendo alguma coisinha por fora para vender”.

Algumas considerações sobre a “questão do empreendedorismo”

A maioria das entregadoras no grupo vende ou revende cosméticos, fazem artesanato ou outra atividade além da entrega para “ganhar um extra”. Uma das justificativas mais mobilizadas por elas é que a “pandemia deixou tudo mais difícil”, mas que não podemos “abaixar a cabeça nem desistir porque é *pra frente que se anda*”.

Ainda assim, é importante lembrar que o contexto em que se insere o trabalho das *motogirls* foi particularmente marcado pela instabilidade da pandemia da COVID-19, em que muitas pessoas de seu núcleo familiar perderam seus empregos

formais, ou não conseguiram se manter da mesma forma que antes.

Diante deste cenário, minhas interlocutoras enxergaram possibilidades de ação através: 1) dos cadastros em aplicativos; 2) das indicações dos familiares e amigos *de confiança* que indicaram o serviço delas para os estabelecimentos de suas cidades, e 3) da divulgação de seus serviços através das redes sociais. Estas foram as três principais vias de ingresso das *motogirls* nas tele-entregas. Durante o período da pesquisa para produção da dissertação, criei um grupo de WhatsApp a fim de observar a troca de experiências e a interação entre as trabalhadoras. Em uma das discussões, Rose compara novamente os regimes de trabalho e compartilha suas preferências com as colegas:

Então é isso aí, é um trabalho bom que ganha bem né... *sossegado* porque você faz seu horário e ganha o seu dinheiro. O aplicativo paga certinho, chegou no dia está lá, entendeu?

Não tem tempo para nada. A gente não tem patrão que enche o saco, que cobra, que grita, que reclama não. O patrão é totalmente *offline*. Não tem patrão. Essa é a melhor coisa, a melhor parte da profissão para mim. Pelo menos é que eu não trabalho direto com os proprietários, é só pelo aplicativo. Então para mim tá tudo na boa, beleza? É isso aí mulherada. (Rose Reis).

É importante destacar os usos dos termos ‘*on*’, ‘*online*’, ‘*off*’, ‘*offline*’, para explicar presenças e ausências, tanto em contextos virtuais, como estar trabalhando pelo aplicativo ou aceitando entregas de estabelecimentos independentes (os pedidos também chegam através dos aplicativos de comunicação), quanto em contextos mais gerais, como utilizado por Rose. Não ter a figura convencional de um patrão é designado por ela como tendo um patrão “totalmente *offline*”.

Em outros espaços de interação como o grupo do Facebook, é possível perceber discursos semelhantes, onde a relação regulamentada com o patrão é percebida como forma de “atraso”. Este fragmento foi extraído de um comentário de um *post* em um dos grupos de entregadores e entregadoras do Rio de Janeiro, no Facebook. A discussão principal eram as vantagens e desvantagens de trabalhar com carteira assinada.

Estes trabalhadores evitam utilizar o termo *serviço* para se referir aos seus trabalhos, ao implicar subordinação ao patrão. Para estas trabalhadoras, a desvalorização financeira é uma forma de humilhação que se aprofunda diante das demandas de múltiplas atividades de forma ágil. Outra integrante do grupo de WhatsApp, em que Rose também faz parte, presenciou a briga de um de seus colegas motoboys com o patrão. O patrão chamou a atenção do rapaz na frente dos clientes,

falando de maneira desrespeitosa, pois o funcionário havia atrasado uma entrega importante do dia.

Rose concordou com o colega e disse que “fica difícil patrão dando 10 reais de gasolina, mal está dando para um litro, e querendo humilhar, exigir um monte de coisa”. Apesar das dificuldades encontradas, as entregadoras referem-se à necessidade de lidar com as situações ao máximo, uma vez que é necessário o trabalho diante das difíceis condições do mercado atual.

A despeito de todas as dificuldades, elas ainda preferem estar “por conta própria”, por ser melhor trabalhar com “liberdade” do que com “leiberdades”. Outra integrante recente do grupo, Luciene, 18 anos, conta que vê certa incongruência entre os acordos e o que acontece “na prática”:

Na prática, essas coisas não acontecem, o patrão não respeita. Você é obrigado a cumprir tudo, mas se eles não cumprem e você reclama, processa, demora um tempão para ver algum resultado. Você ainda perde dinheiro de advogado e não dá em nada.

Elas também contam que sofrem muita humilhação nesse “dia a dia das entregas”. Os principais problemas são o julgamento prévio pela aparência, o baixo repasse das taxas das entregas e diárias, os horários de entrega e os locais distantes e perigosos, e os constantes assédios.

Para Rose, a *liberdade é conquistada* através do *sossego*, de esperar o que a vida pode trazer no futuro, sem grandes ambições. Rose valoriza muito mais a estabilidade, de vida, de emprego, emocional, financeira. Estabilidade financeira de poder contar com o marido para dividir as despesas da casa e poder utilizar sua renda “para as coisinhas” dela e dos filhos, estabilidade no trabalho ao poder passar mais de um ano em um emprego sem ter problemas, estabilidade emocional de não precisar mais “estar debaixo de grito de patrão”.

Estratégias financeiras e de separação das motogirls

É comum em grupos de Facebook ver motogirls tirando fotos de seus boletos a pagar ou pagos por completo, seja para primeira habilitação ou para quitação do veículo, como forma de incentivo e encorajamento uma as outras. Alguns são caseiros e improvisados, onde o boleto é feito com folhas em branco com o número de prestações a serem pagas, em que também é possível anexar o comprovante bancário.

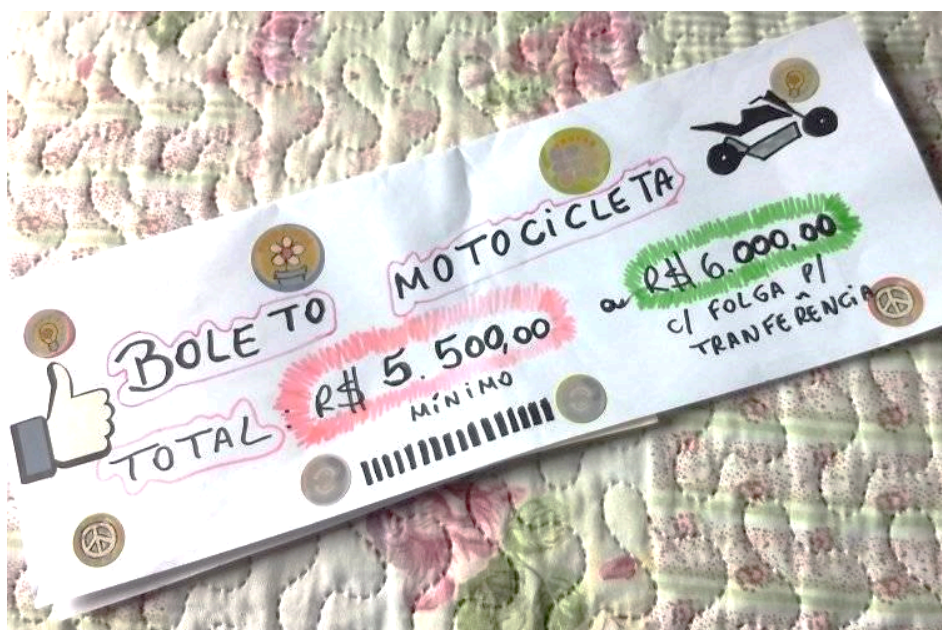
Figura 1: Boleto impresso em casa para Primeira Habilitação.



Fonte: Facebook, Mulheres de Moto Brasil.

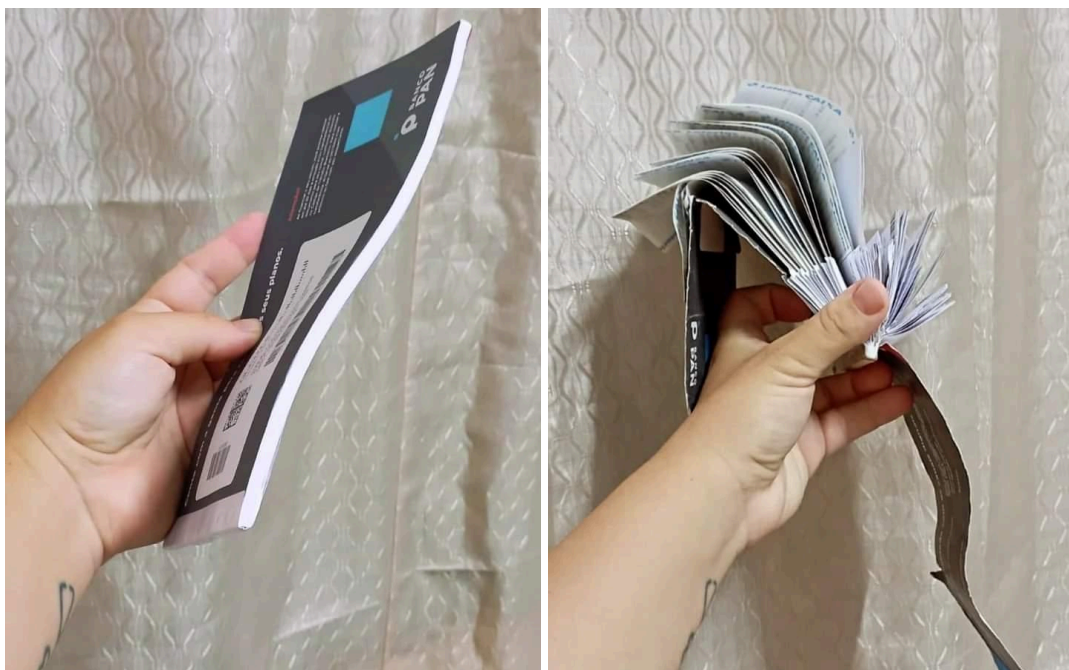
Esta prática também serve para um maior controle das transações digitais, por meio de aplicativos bancários e outros recursos. Segundo elas, É mais seguro ter algo físico, em mãos, do que se perder em comprovantes digitais, ou nos próprios sistemas bancários, passíveis de falhas. Estes também servem como lembrança de suas conquistas, sendo visto por elas e pelas colegas como indício de disciplina, força de vontade e determinação.

Figura 2: Boleto feito em casa para quitação de motocicleta.



Fonte: Facebook, Grupo Mulheres de Moto

Figura 3: Antes e depois de prestações pagas de uma motocicleta



Fonte: Facebook, perfil pessoal de interlocutora.

Conclusão

Por meio deste trabalho, busquei apresentar as formas de separação e administração do dinheiro por parte das motogirls. Estas trabalhadoras partem de um contexto atravessados pelas instabilidades impostas pela pandemia da COVID-19. Destaco principalmente a trajetória laboral de Rose até *se tornar uma motogirl*, além os *aprendizados* necessários a aquisição dos saberes práticos *das ruas*. Busquei destacar também as noções de *liberdades* em torno destas vivências, que assumem significados diversos a partir do contexto de cada entregadora.

Diante das complexidades reveladas no estudo sobre as moralidades e saberes envolvidos na administração da renda e das despesas domésticas através dos dinheiros, torna-se evidente a necessidade de repensar sociologicamente o papel do dinheiro para além de sua concepção unilateral como mero instrumento simbólico de troca. O presente trabalho teve em vista lançar luz sobre as práticas econômicas cotidianas de indivíduos enfrentando tempos críticos, onde o *fazimento e refazimento das casas* se tornam imperativos. Observo que as decisões sobre o uso do dinheiro não são

meramente pragmáticas, mas estão imbuídas de significados culturais e morais, permeadas pela incerteza e pela luta pela subsistência básica.

Ao analisar etnograficamente as múltiplas formas de separação, transformação e marcação dos dinheiros, foi possível compreender como tais práticas refletem e influenciam as relações sociais, os afetos, o parentesco e outros aspectos da vida cotidiana. A partir das estratégias observadas, fica evidente que o dinheiro não é apenas um meio de troca neutro, mas sim um “nexo prático-valorativo” que molda e é moldado pelas dinâmicas sociais.

A abordagem proposta, inspirada em Zelizer (2009, 2011) e Motta (2014, 2016, 2023), desloca o foco da análise econômica tradicional para uma compreensão mais ampla das formas como as pessoas atribuem significado, organizam e utilizam o dinheiro em suas vidas. Esta perspectiva revela a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre a relação entre dinheiro, cultura e relações sociais, desafiando concepções simplistas e universalistas da economia.

A partir da descrição da rotina diária e das estratégias de gestão financeira de Rose, é possível compreender a complexidade das interseções entre trabalho remunerado, cuidado doméstico e administração financeira em sua vida. Rose enfrenta um equilíbrio delicado entre seus papéis de provedora financeira, cuidadora da família e trabalhadora, gerenciando múltiplas fontes de renda e despesas.

A divisão de responsabilidades financeiras entre Rose e seu marido reflete uma abordagem pragmática e solidária, onde ambos contribuem para o sustento da casa. Para Rose, pagar as contas em dia é uma questão de honra, demonstrando uma moralidade intrínseca às suas práticas financeiras.

Suas múltiplas fontes de renda, incluindo as entregas pelo iFood e o trabalho em um escritório de contabilidade, exemplificam a natureza fluida e adaptativa do trabalho informal. A reserva gradual de dinheiro para pagar as contas reflete um planejamento cuidadoso, enquanto a separação de despesas entre o dinheiro das diárias e o dinheiro das entregas ilustra uma abordagem estratégica para gerenciar os recursos disponíveis.

Além disso, a colaboração com sua sobrinha em um novo empreendimento revela as oportunidades que surgem das conexões familiares, mostrando como as relações pessoais podem influenciar as trajetórias de trabalho e renda.

No contexto das motogirls, a interseção entre casa, trabalho e dinheiro se torna evidente, destacando a importância de abordagens etnográficas para entender as complexidades das economias populares. A análise das práticas financeiras de Rose não apenas revela sua capacidade de adaptação e resiliência, mas também destaca as dinâmicas de poder, cuidado e interdependência que permeiam suas atividades diárias.

A *trajetória* ocupacional de Rose retrata não apenas sua resiliência diante das adversidades, mas também sua busca por um equilíbrio entre realização pessoal e estabilidade financeira. Ao longo de sua vida, ela experimentou diversos trabalhos, cada um contribuindo para sua formação e entendimento sobre suas próprias habilidades e preferências.

A opção por *se tornar uma motogirl* não foi apenas uma escolha por conveniência, mas sim o resultado de uma busca por um ambiente de trabalho mais autônomo e satisfatório. A *liberdade* e a autonomia que ela encontra nas entregas contrastam com experiências anteriores, marcadas por ambientes de trabalho desorganizados e clientes exigentes.

Além das entregas, Rose encontrou no artesanato uma forma de complementar sua renda. Suas peças de crochê não são apenas produtos comerciais, mas também objetos de afeto e conexão emocional com sua comunidade familiar e religiosa. A produção artesanal não só representa uma fonte de renda, mas também uma forma de terapia e uma maneira de fortalecer laços sociais.

O relato de Rose oferece insights importantes sobre sua visão do trabalho de entregas, sua jornada pessoal e suas interações com outros entregadores/as. Rose percebe o trabalho de entregas como um “bico”, uma atividade temporária e complementar às necessidades do momento. Ela valoriza a educação formal como via para estabilidade na vida, e isso é o que mais deseja para o futuro de seus filhos.

O relato também destaca a perspectiva das entregadoras sobre o empreendedorismo, mostrando como muitas delas buscam múltiplas fontes de renda e

enfrentam desafios, principalmente por questões de gênero, mas que incluem também o desrespeito por parte dos empregadores e as dificuldades financeiras.

Em suma, este estudo oferece uma análise das práticas econômicas e financeiras das motogirls, com destaque para a trajetória de Rose. Ao explorar as complexidades da administração do dinheiro em meio às instabilidades da pandemia, torna-se claro que o significado e o uso do dinheiro vão além de meras transações pragmáticas, envolvendo nuances e complexidades culturais, morais e sociais. A abordagem etnográfica revela não apenas a adaptação das trabalhadoras, mas também as interconexões entre trabalho, cuidado doméstico, família e comunidade.

As narrativas de Rose e suas colegas destacam a importância da autonomia financeira, o valor do trabalho informal e as estratégias colaborativas para enfrentar desafios comuns. No cerne dessas reflexões está a necessidade de repensar o papel do dinheiro e reconhecer sua influência nas dinâmicas sociais, promovendo uma compreensão mais holística das economias populares e dos sistemas de sustentação da vida em tempos de incerteza.

Referências Bibliográficas:

ÁLVAREZ, María Inés Fernández; PERELMAN, Mariano. **Perspectivas antropológicas sobre las formas de (ganarse la) vida**. Cuadernos de Antropología Social /51 (2020);

BIEHL, J.; NEIBURG, F. **OIKOGRAPHY: Ethnographies of House-ing in Critical Times**. CULTURAL ANTHROPOLOGY, Vol. 36, Issue 4, pp. 539–547, ISSN 0886-7356, online ISSN 1548–1360. American Anthropological Association 2021.

COUTO, Ana Raquel Rosa do. **Pra frente que se anda: as dinâmicas e moralidades das mobilidades de motogirls**. 2022. 127 f. (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio et al. **Estratégias de vida e Jornada de Trabalho**. Em: Condições de Vida das Camadas Populares. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1984a;

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Ubu Editora, [1978] 2018.

MOTTA, Eugênia. **Houses and Economy in the favela**. Dossier Ethnographies of economy/ics. *Vibrant, Virtual Braz. Anthr.* 11 (1). June 2014. <https://doi.org/10.1590/S1809-43412014000100005>;

MOTTA, E. **O que faz o dinheiro da casa**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 29, n. 66, pp.2-30, maio/ago. 2023.

MOTTA, E. Casas e Economias Cotidianas. In: **Vida social e política nas favelas : pesquisas de campo no Complexo do Alemão / Organizadora: Rute Imanishi Rodrigues**. — Rio de Janeiro: Ipea, 2016

NEIBURG, Frederico. **Os sentidos sociais da economia**. In L.F. Dias Duarte e B. Martin, Antropologia. Horizontes das ciências sociais no Brasil, ANPOCS.2010.

NEIBURG, F. **Buscando a vida na economia e na etnografia**. MANA 28(2): 1-32 2022-<http://doi.org/10.1590/1678-49442022v28n2a900>;

ARAUJO SILVA, M. **Obras, casas e contas: uma etnografia de problemas domésticos de trabalhadores urbanos, no Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2017.

ZELIZER, Viviana. **Dualidades perigosas**. Mana, volume 15, n. 1, 2009.

ZELIZER, Viviana. **Economic Lives: How Culture Shapes Economy**. Princeton University Press. 2011.

ZELIZER, V. **The Social Meaning of Money: Pin Money, Paychecks, Poor Relief, & Other Currencies**. Princeton University Press, 2017.